

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ENVIRONMENTAL EDUCATION AT RIO DE JANEIRO STATE

Sérgio Cândido de Oscar
sergioscar@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi mapear e analisar a produção acadêmica sobre Educação Ambiental, nos Programas de Mestrado em Educação do Estado do Rio de Janeiro reconhecidos pela CAPES.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Correntes Teórico-Methodológicas. Meio Ambiente

ABSTRACT

The purpose of this research was to map and analyze the academic production on Environmental Education at CAPES recognized Masters Degrees Programs in Education at Rio de Janeiro State.

Key words: Environmental Education. Theoretical-Methodological Currents. Environment.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental sofreu durante as últimas três décadas evoluiu e se fragmentou em diversas formas de abordagens que hoje são identificadas como correntes ou tendências. Esta pesquisa busca conhecer mais sobre as correntes que caracterizam a educação ambiental no estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa justifica-se pelo interesse em compreender o que se produz no campo da educação ambiental dos nossos dias e descobrir em que medida o que está sendo pesquisado pode fornecer subsídios para o trabalho na escola. Este trabalho tem como objetivo identificar as correntes da educação ambiental presentes nos mestrados em educação, para oferecer aos professores em geral e aos pesquisadores em educação ambiental, em particular, uma pequena amostra das diversas vertentes que este campo oferece.

A pesquisa limitou-se a investigar os sete programas de Mestrado em Educação reconhecidos pela CAPES no Estado do Rio de Janeiro, analisando a produção acadêmica de 1995 a 2005 sobre Educação Ambiental. Este recorte justifica-se pela constatação de que neste período a pesquisa em educação ambiental teve um sensível crescimento, conforme podemos verificar nos quadros abaixo (REIGOTA, 2005, p.5 e 6):

Quadro 1 – Produção sobre educação ambiental (EA) nos anos

ANO DE DEFESA	MESTRADO	DOUTORADO	LIVRE-DOCÊNCIA
1990	3	1	-
1991	5	-	-
1992	8	2	-
1993	10	1	-
1994	11	1	-
1995	26	3	-
1996	14	-	-
1997	23	3	-
1998	29	7	-
1999	30	6	-
TOTAL	159	24	-

Quadro 2 – Produção sobre EA nos primeiros anos do século XXI

ANO DE DEFESA	MESTRADO	DOUTORADO	LIVRE-DOCÊNCIA
2000	49	5	1
2001	20	9	-
2002	11	1	-
TOTAL	80	15	1

Há um aumento significativo do número de trabalhos na segunda metade da década de 1990, o qual salta de 11, em 1994, para 26 no ano de 1995. Cai para 14 trabalhos em 1996, mas fica acima de 20 trabalhos anuais até 2001. No ano de 2002 são registrados 11 trabalhos sobre o tema. É importante destacar que na pesquisa realizada por Reigota foram computados os trabalhos sobre educação ambiental apresentados em diferentes programas de pós-graduação, e não apenas em educação, legitimando e expandindo a identidade multi, inter e transdisciplinar deste camp. Segundo o autor: Embora se destaque a produção dos Programas de Pós-graduação em Educação, Educação Ambiental, Ecologia, Saúde Pública, Desenvolvimento e Meio Ambiente e Psicologia, outros programas mostram-se aptos para o tema. Entre eles destacamos os de Comunicações e Artes, Engenharia, Serviço Social, Geografia, assim como os de Tecnologia, Filosofia e Saúde Mental. (REIGOTA, 2005).

A constatação deste crescimento coloca a década de 1990 como um divisor de águas para a educação ambiental. É nesta década que a pesquisa neste campo do conhecimento começa a despertar maior interesse dos pesquisadores em educação no Brasil e este fato justifica o recorte temporal deste trabalho.

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CORRENTES E TENDÊNCIAS

Descrever as correntes e tendências da educação ambiental tornou-se uma tarefa árdua, principalmente após o crescimento da pesquisa sobre esta área no Brasil na segunda metade da década de 1990.

Para Sauvé (2005), a no o de *corrente* refere-se   perspectiva teórico-metodológica, ou seja, uma maneira geral de conceber e praticar educa o ambiental. Nas palavras da autora: A no o de corrente refere-se aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa o ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade de e uma diversidade de proposi es. Por outro lado, uma mesma proposi o pode corresponder a duas ou três correntes, segundo o ângulo sob o qual   analisada. Finalmente, embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham características comuns. (SAUVÉ, 2005, p. 17).

As correntes podem ser identificadas com maior clareza na literatura especializada, quais sejam, as correntes preservacionista, ecossocialista, holística ou socioambiental.

Muito recentemente surgiram alguns estudos elaborados com a inten o de mapear as correntes da educa o ambiental e a preocupa o de organizar um quadro teórico do pensamento da educa o ambiental. Dentre os autores que possuem esta preocupa o, destacam-se nomes de expressão neste campo do conhecimento no Brasil e no mundo como Pelizzoli (2003), Loureiro (2004), Sauvé (2005) e Reigota (2005). Apresento a seguir uma breve explica o sobre suas idéias, buscando destacar seus objetivos e como denominam as correntes, bem como indicar as categorias utilizadas nas análises por eles realizadas.

2.1. SAUVÉ E A CARTOGRAFIA DAS CORRENTES EM EA

Em seu artigo “Uma cartografia das correntes em educa o ambiental”, Sauvé busca classificar os trabalhos realizados em educa o ambiental por diferentes autores, chegando a identificar quinze varia es de correntes.

A respeito das diferentes maneiras de conceber e praticar a educa o ambiental, Sauvé destaca algumas das perplexidades diante do campo do conhecimento: Agora, como o encontrar-se em tal diversidade de preposi es? Como caracterizar cada uma delas, para identificar aquelas que mais convém ao nosso contexto de interven o, e escolher as que saberão inspirar a nossa própria prática? (SAUVÉ, 2005, p. 17).

Na tentativa de sistematiza o, Sauvé divide as correntes da educa o ambiental em dois grupos. De um lado, as correntes *naturalista, conservacionista/ recursista, resolutive, sist mica, científica,*

humanista, moral/ética, como sendo as mais tradicionais e utilizadas com mais intensidade nas décadas de 1970 e 1980. No segundo grupo, inclui as mais recentes, a saber, as correntes holística, biorregionalista, praxica, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeducação e da sustentabilidade.

Extensa e detalhada, a classificação de Sauvé traz uma importante contribui o para a pesquisa em educa o ambiental. No entanto, algumas das correntes sugeridas poderiam ser condensadas sem perda do objetivo da classifica o. Na conceitu o organizada pela autora, as concep es atribuídas a algumas correntes, como a naturalista e a conservacionista, ou a científica e a do desenvolvimento sustentável, são muito próximas. Além disso, muitas das correntes, como a própria autora afirma, possuem objetivos que se sobrepõem.

2.2. LOUREIRO E AS TRAJETÓRIAS E FUNDAMENTOS DA EA

Carlos Frederico Bernardo Loureiro defende a educa o ambiental crítica e emancipatória. Uma das suas preocupa es   discutir os problemas causados pela educa o ambiental que ainda reproduz fundamentos definidos na década de 1970. Para o autor: A ilusão que propicia este tipo de consenso produzido pela baixa problematiza o teórico prática   a de que todos os educadores ambientais se pautam em uma visão única de mundo, falam a mesma coisa, possuem os mesmos objetivos no tratamento da “questão ambiental”, mudando apenas o setor social em que atuam (escolas, comunidades, unidades de conserva o, meios de comunica o, empresas etc.). Esse   um falso consenso que precisa ser explicitado, analisado e superado. (LOUREIRO, 2004, p. 19).

Loureiro manifesta-se a favor de uma educa o ambiental crítica que permita o debate democrático em torno de questões relevantes do ponto de vista político e social. (LOUREIRO, 2004, p. 21), partindo de uma matriz que considera a educa o como elemento de transforma o social, sistematizada nas vertentes da *pedagogia histórico-crítica* e *pedagogia libertária*, as quais hoje se desdobram em novas concep es e tendências. Na vertente da pedagogia libertária, o autor d  ênfase especial às contribui es de Paulo Freire, destacando algumas de suas idéias, que mesmo sem inten o explícita, apresentam fortes implica es para a educa o ambiental.

Loureiro d  uma importante contribui o para o debate sobre as correntes  ticas da educa o ambiental, ao apontar a necessidade de ir além do debate  tico, reconhecendo os complexos processos históricos que estão por tr s das atuais conjunturas em que pretendemos trabalhar com educa o ambiental.   necessário compreender que estes processos pelos quais passou e ainda passa nossa sociedade foram e são marcados pelas desigualdades socioecon micas. Assim   importante aprofundar o debate sobre este tema, uma vez que, ao buscar a generaliza o de procedimentos, corremos o risco de cair em um reducionismo improdutivo e incoerente.

2.3. REIGOTA E O ESTADO DA ARTE DA EA NO BRASIL

Marcos Reigota, em “O Estado da Arte da Educa o Ambiental no Brasil”, identifica os primórdios da pesquisa em educa o ambiental no país e a sua evolu o ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Analisando o crescimento da pesquisa e divulgação deste campo do conhecimento nas últimas décadas, sua pesquisa objetivou colocar em evidência a cartografia desta ciência e suas principais características pedagógicas e políticas.

Diferentemente da minha opção de trabalhar apenas com a produção dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, a pesquisa de Reigota é bem mais abrangente, incluindo trabalhos de programas nas áreas de Ecologia, Psicologia, Engenharia e Geociências, entre outras.

Em uma pesquisa exploratória, com base em documentos de domínio público, seu trabalho objetivou enfatizar os aspectos pedagógicos e políticos da educação ambiental, presentes nas teses e dissertações sobre EA defendidas universidades brasileiras ou por pesquisadores/as brasileiros/as no exterior. Os dados foram obtidos através do anúncio do projeto nas redes de EA e entre colegas da área. Foram consultados bancos de dados, como o Prossiga do CNPq, catálogos de programas de pós-graduação, bibliografia de artigos, livros, documentos diversos, além das teses e dissertações que o autor examinou enquanto membro de bancas. No total, o autor identificou uma tese de livre docência, 40 teses de doutorado e 246 dissertações.

A pesquisa de Reigota é um marco importante na educação ambiental brasileira, confirmando que este campo vem crescendo no Brasil nas últimas décadas, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. Sua pesquisa também demonstra, que devido a este grande crescimento da produção acadêmica, há necessidade de estudá-la para entender seus caminhos e para uma melhor divulgação e utilização de seus achados. Reigota propõe a ampliação e o aprofundamento de seu trabalho com a constituição de um banco de dados específicos, que poderá auxiliar futuras pesquisas com base nos fundamentos e categorias.

Ressalta que sua pesquisa aponta para a necessidade de se ampliar, estimular e diversificar a pesquisa em educação ambiental nos Programas de Pós-graduação de todas as áreas. Aponta também para a necessidade de intensificar os intercâmbios internacionais por meios dos quais os pesquisadores brasileiros possam dialogar com os seus pares e conhecer outros contextos políticos, culturais, sociais, educacionais e ecológicos.

Para o autor, a difusão da produção brasileira deve ser estimulada, para que os/as pesquisadores possam ampliar a sua participação e influência (inter)nacional na definição de políticas públicas para a educação ambiental, linhas de pesquisa e docência sobre o tema.

2.4. CORRENTES DA ÉTICA AMBIENTAL SEGUNDO PELIZZOLI

Marcelo Pelizzoli aborda o tema “Correntes da ética ambiental” descrevendo algumas destas. Pelizzoli inicia seu estudo informando que a base de sua temática está na Filosofia: “Esta temática, em primeiro lugar, remete à área de Filosofia, Ética e Ética Aplicada, também à Bioética e a uma filosofia prática, contendo várias interfaces”. (PELIZZOLI, 2002, p.11).

2.5. REFLETINDO SOBRE AS DIVERSAS VERTENTES

Os quatro autores aqui discutidos, além de apresentarem grandes contribuições para o avanço da pesquisa em educação ambiental, são as referências mais recentes deste tipo de estudo no Brasil. Seus trabalhos sustentam reflexões e expressam desconfiância em relação a trabalhos ingênuos que apenas reproduzem antigos discursos, já proferidos nos primeiros encontros sobre as questões ambientais no início da década de 1970.

Nos estudos aqui apresentados, fica claro que não existe apenas um método, apenas uma estratégia ou apenas uma forma de pensar e realizar a educação ambiental no Brasil. O planejamento de um trabalho em educação ambiental envolve uma análise das correntes existentes e da realidade vivida por professores, pesquisadores (durante a realização da análise das dissertações, ficou claro que a pesquisa em educação ambiental sofre grandes influências da formação do autor e da realidade vivida pelo mesmo), escolas, alunos e comunidades. Realidade esta que está sujeita a diversos fatores como o socioeconômico, o histórico e cultural, entre outros.

3. ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES

3.1. AS PESQUISAS

Com base nas obras de Pelizzoli (2003), Loureiro (2004), Sauvé (2005) e Reigota (2005) – já apresentadas e discutidas no capítulo anterior –, definimos algumas posi es teórico-metodológicas e selecionamos seis correntes como as mais presentes nas obras analisadas. O quadro abaixo apresenta uma síntese das seis correntes com seus princípios e argumentos.

3.2 OBJETO E OBJETIVOS DA PESQUISA

Conforme anteriormente exposto, a pesquisa teve como objetivo mapear as correntes hoje existentes na educa o ambiental (EA), tal qual aparecem nas disserta es de mestrado em Educa o. Para isto, buscou-se identificar posi es teóricas, conceitos e argumentos defendidos pelos autores em seus trabalhos.

Ao realizar o levantamento dos programas de Mestrado em Educa o no estado do Rio de Janeiro, constatou-se a existência de sete universidades com programas reconhecidos pela CAPES e um total de vinte e três disserta es sobre EA defendidas nessas institui es no período de 1995 a 2005, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – Trabalhos defendidos nos programas de Mestrado do estado do Rio de Janeiro reconhecidos pela CAPES entre os anos de 1995-2005.

Quadro 3 – Síntese de seis correntes

Nº	CORRENTE	PRINCÍPIOS/ARGUMENTOS
1	Crítica	Muito próxima dos Ecosocialistas, esta corrente é identificada na obra de importantes pesquisadores/autores da educação ambiental brasileira como Loureiro (2004).
2	Preservacionista/ Conservacionista	Bastante presente nos países do norte, mas também no Brasil, organiza-se em torno da preocupação de preservar os recursos naturais, mantê-los intocados, protegendo a flora e a fauna do contato humano e da degradação.
3	Holística	Reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Tem como seu principal ícone o ecólogo norte-americano Fritjof Capra.
4	Socioambiental	Destaca a estreita relação dos problemas sociais com o atual estado de degradação ambiental do Planeta.
5	Ecosofia	Pressupõe articulação éticopolítica entre as três ecologias: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana. (GUATTARI, 1993).
6	Cartesiana	Defende que todos os impactos ambientais serão minimizados ou bloqueados pelo desenvolvimento da ciência matemática e tecnológica e não pela educação.

Quadro 4 – Trabalhos defendidos nos programas de Mestrado do estado do Rio de Janeiro reconhecidos pela CAPES entre os anos de 1995-2005.

Universidade	Nº Trabalhos 1995 – 2005/1º Sem
A	5
B	5
C	7
D	3
E	1
F	2 (não localizados)
G	0
TOTAL	23

Das sete instituições, uma não tem ainda nenhum trabalho específico sobre educação ambiental; trata-se de programa bastante recente, que formou poucos alunos. Por outro lado, não foi possível ter acesso aos trabalhos da Universidade “F” que se encontrava em greve de professores e funcionários, no período em que a pesquisa de campo foi realizada. Várias tentativas de conseguir acesso ao material foram feitas, mas resultaram infrutíferas, pois a greve prolongou-se por muitos meses. Para não prejudicar o cumprimento do cronograma de pesquisa, optou-se por excluir esta instituição, na qual, aliás, só foram identificadas duas dissertações.

3.3 METODOLOGIA

Visitando as bibliotecas das instituições contempladas, selecionei os trabalhos de educação ambiental, identificando os mesmos através dos títulos e/ou palavras-chave que traziam os termos Educação Ambiental, Meio Ambiente ou termos similares. Passei à leitura integral dos trabalhos encontrados destacando os seguintes aspectos: autor, orientador, título, Universidade, objeto, objetivo, argumento(s), metodologia, conclusões e correntes.

A classificação das dissertações segundo as diversas correntes constituiu o maior desafio deste trabalho. Em primeiro lugar, porque muitas das vezes a linha ou fronteira que divide certas correntes é muito tênue; em segundo lugar, porque há trabalhos em que os autores assumem uma posição eclética, defendendo princípios de mais de uma corrente. Assim, para fazer a classificação dos trabalhos, organizei estas informações em grades de análise, que resumem os dados coletados (Anexos 1 a 21). Numa segunda leitura, destaquei nos textos os argumentos utilizados pelos autores, procurando extrair afirmações pontuais que justificassem enquadrá-los em determinada corrente.

Por questões éticas, optei por manter o anonimato dos autores. Os nomes das instituições foram representados por letras e os nomes dos autores e autoras e dos orientadores e orientadoras por letras e números. O orientador é designado pela letra O e autor, pela letra A, sem distinção de gênero. Por exemplo: A Universidade A com cinco trabalhos apresenta o Autor A1, A2, A3, A4 e A5 e os orientadores O1, O2, O3, O4 e O5. Nas instituições em que dois ou mais trabalhos foram orientados pela mesma pessoa, o número de orientadores é menor que o número de autores.

3.4. AS DISSERTAÇÕES

Para chegar a esta fase do trabalho foram lidas as 21 (vinte e uma) dissertações, que oferecem um rico material para os estudiosos de EA.

Segue-se uma análise mais detalhada dos trabalhos selecionados, apresentados separadamente, por Universidade. Ao final, os dados estão consolidados através de gráficos e quadros.

3.4.1. TRABALHOS DA UNIVERSIDADE A:

Os 5 trabalhos defendidos nesta Universidade foram orientados por 4 professores, sendo as

dissertações número 4 e 5 orientadas pelo mesmo docente do programa de pós-graduação (AO4). A seguir, apresento uma descrição sucinta e uma breve análise dos trabalhos desta Universidade.

Quadro 5 – Trabalhos da Universidade A.

Nº	AUTOR	ORIENTADOR	DEFESA	TÍTULO
01	AA1	AO1	1995	Educação Ambiental na Escola: Para Além das disciplinas
02	AA2	AO2	1996	A representação social da fauna – Uma contribuição à Educação Ambiental
03	AA3	AO3	1996	Educação Ambiental: Consensos e Embates
04	AA4	AO4	2000	Concepções de Meio Ambiente: Um olhar sobre um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
05	AA5	AO4	2002	A Educação Ambiental nos Contextos Escolares: Para além da limitação compreensiva e da incapacidade discursiva

3.4.2. TRABALHOS DA UNIVERSIDADE B:

Nesta Universidade também foram encontrados cinco trabalhos:

Quadro 6 – Trabalhos da Universidade B.

Nº	AUTOR	ORIENTADOR	DEFESA	TÍTULO
01	BA1	BO1	1998	A educação Ambiental na formação do professor para o ensino fundamental em Porto Velho - RO
02	BA2	BO2	2002	Parâmetros Curriculares Nacionais e Educação Ambiental: a transversalidade na prática - Uma experiência em Rio Branco - AC
03	BA3	BO3	1999	Concepções de Meio ambiente: Bases para o estudo ambiental nas escolas
04	BA4	BO4	1996	O compromisso do Professor de Enfermagem com a qualidade de vida dos alunos
05	BA5	BO4	1999	O conhecimento da eletroquímica industrial e sua interação no processo educativo, visando estabelecer conceitos nos processos industriais e no meio ambiente

Os trabalhos defendidos nesta Universidade foram orientados por 5 professores diferentes, como veremos a seguir.

3.4.3. TRABALHOS DA UNIVERSIDADE C:

Nesta Universidade também foram defendidas sete dissertações durante o período analisado:

Quadro 7 – Trabalhos da Universidade C.

Nº	AUTOR	ORIENTADOR	DEFESA	TÍTULO
01	CA1	CO1	1998	Coleta seletiva de lixo nas escolas e parceria com empresa: Relato crítico de uma experiência
02	CA2	CO2	2003	A Escola vai ao Jardim e o Jardim vai à Escola: A dimensão Educativa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
03	CA3	CO1	1997	Poder, Cultura e sustentabilidade: a educação ambiental em uma unidade de conservação
04	CA4	CO3	1998	Trilhas da natureza: jogo de percurso e reencantamento
05	CA5	CO1	2002	Os saberes das docentes que trabalham em educação ambiental: considerações de uma professora
06	CA6	CO1	2003	O papel das representações sociais na Educação Ambiental
07	CA7	CO1	2001	Meio ambiente e Educação: O que pensam os formadores de opinião

Os sete trabalhos concluídos sobre o tema Educação ambiental, foram orientados por apenas três professores. Cinco trabalhos são orientados por um mesmo professor. Segue uma análise detalhada dos trabalhos desta Universidade.

3.4.4. TRABALHOS DA UNIVERSIDADE D:

Nesta Universidade foram encontrados três trabalhos:

Quadro 8 – Trabalhos da Universidade D.

Nº	AUTOR	ORIENTADOR	DEFESA	TÍTULO
01	DA1	DO1	2003	Educação Ambiental através da arte no ensino fundamental
02	DA2	DO1	2003	Educação Ambiental no programa de despoluição da Baía de Guanabara
03	DA3	DO1	2002	Educação Ambiental em Unidades de Conservação: O caso do Parque Nacional da Tijuca

Os três trabalhos defendidos nesta Universidade foram orientados pelo mesmo professor. Segue uma análise detalhada dos trabalhos desta Universidade.

3.4.5. TRABALHOS DA UNIVERSIDADE E:

Quadro 9 – Trabalhos da Universidade E.

Nº	AUTOR	ORIENTADOR	DEFESA	TÍTULO
01	EA1	EO1	2005	Educação Ambiental:Um caminho para o desenvolvimento sustentável - Uma pesquisa realizada com alunos e professores do ensino médio da Rede Pública de Petrópolis, RJ.

Nesta Universidade encontrou-se apenas um trabalho sobre a Educação Ambiental.

4. CONCLUSÕES

Sintetizando os achados, cabe esclarecer que não foi possível examinar a totalidade dos trabalhos sobre EA nos Mestrados em Educação das universidades fluminenses, porém tivemos acesso a um percentual bastante expressivo desta produção, ou seja, aproximadamente 91,30% do total de dissertações em pauta no período delimitado.

Das cinco dissertações defendidas na Universidade A, foram identificadas as correntes Ecosófica (Teoria de Guattari), Ecosocialista, Preservacionista, Holística e Socioambiental, ou seja, cada um dos trabalhos oriundos desta Universidade seguiu uma corrente diferente. Esta variação pode ser explicada pela diversidade de posições teóricas dos respectivos orientadores.

Na Universidade B, também foram produzidas cinco dissertações, identificadas com as correntes Crítica, Socioambiental e Cartesiana, conforme gráfico abaixo. Há portanto menos variação teórico-metodológica do que na Universidade A.

A Universidade C destacou-se por ser a que mais apresentou trabalhos sobre a Educação Ambiental no período estudado, no total de sete dissertações. Constatou-se que os trabalhos distribuíram-se pelas correntes Crítica, Socioambiental e Holística.

Já a Universidade D, produziu apenas três dissertações. Nesta Universidade estiveram presentes apenas duas correntes, mas verifica-se que um dos trabalhos apresentados nesta Universidade pode ser classificado ao mesmo tempo na corrente crítica e na socioambiental.

A Universidade E produziu um único trabalho sobre Educação ambiental, tendo o mesmo seguido a corrente crítica.

Como se pode constatar, existe uma ampla variação de correntes dentro de uma mesma Universidade, refletindo a diversidade teórica que caracteriza o campo de conhecimento. Nota-se no entanto que as correntes preservacionista e holística, com duas dissertações cada uma, estão presentes apenas nas instituições A e C.

A corrente crítica foi a mais presente na pesquisa estando representada em todas as instituições além de fazer parte de onze dos vinte um trabalhos analisados.

Por outro lado, a corrente Ecosófica está representada em apenas um trabalho da Universidade A; também a corrente cartesiana aparece em apenas uma dissertação da universidade B.

Concluída esta síntese quantitativa dos achados, permito-me esboçar algumas reflexões sobre os trabalhos examinados.

A primeira e mais simples constatação é que do conjunto de 21 (vinte e um) trabalhos aqui analisados, onze deles estudaram a educação ambiental tendo como cenário de pesquisa a escola, em diferentes níveis de ensino: fundamental, médio e superior.

Estes trabalhos relacionados com a escola, principalmente ligados ao ensino fundamental conforme verificamos nos gráficos 6 e 7, expressam um variado leque de preocupações: as dificuldades de realização de ações educativas voltadas a educação ambiental, a perspectiva dos professores em relação ao significado da EA, a identificação das representações que os alunos diferentes níveis e ambientes escolares pesquisados possuem sobre o meio ambiente e a educação ambiental, a incorporação da educação ambiental nas disciplinas e o próprio papel da escola diante da problemática ambiental.

A grande maioria dos trabalhos pautados na escola parte do pressuposto que é possível a “moldar” dos alunos através da Educação Ambiental, à qual atribuem a condição de força transformadora dos sentidos, das representações e dos valores, reforçando a crença implícita na educação como força transformadora. Será que realmente é assim? A educação oferece infinitas possibilidades, mas tem também suas limitações. Argumento que é necessário um certo policiamento para que o educador não se julgue onipotente e não ignore o direito e a liberdade que tem o indivíduo de se expressar e construir o seu próprio conhecimento.

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de se depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação cognosiológica, em que o objeto cognoscível em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta não é possível a relação dialógica, indispensável a cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p. 39).

Constatada a primazia da escola como espaço privilegiado para a prática da educação ambiental, cabe lançar o olhar para trabalhos realizados em espaços não escolares, onde se verificou a tentativa de articular a educação ambiental com a “busca pelo verde”. Nesta linha, foram realizados trabalhos sobre o Parque Nacional da Tijuca, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Programa de Despoluição da Baía de Guanabara e Plano de Criação da Área de Proteção Ambiental do Estado do Rio de Janeiro (APA-RJ). Uma característica comum destas dissertações foi a estreita relação entre a história de vida dos autores e a escolha do tema que pesquisaram. Todos os pesquisadores que investiram nestes trabalhos são funcionários dos parques ou fazem parte das equipes responsáveis pelos programas estudados.

Na minha opinião, as iniciativas de sair do ambiente escolar são positivas, porém é necessário que as mesmas façam parte de um projeto consistente, estejam alinhadas ou que sejam coerentes com o trabalho realizado nas escolas. Trabalhos isolados, eventuais, esporádicos, dificilmente poderão contribuir para a construção do conhecimento em EA.

No conjunto de dissertações analisadas, aparecem propostas de trabalho com EA a partir de atividades recreativas, jogos e através da arte. Nestes trabalhos verificou-se um grande apelo à transversalidade que se torna fundamental na execução de projetos dentro e fora do ambiente escolar. Verifica-se também que estas atividades renovam as relações existentes entre professores e alunos por despertarem o engajamento de todos através da motivação e dinamismo presentes na arte e na recreação. No cotidiano da vida escolar, principalmente no cotidiano da escola pública, verifica-se que estas raras oportunidades de trabalho recreativo muitas vezes ainda estão presas a corrente conservacionista de EA. Nos trabalhos analisados, alguns dos pesquisadores destacaram a importância de uma visão crítica.

Um terço dos trabalhos analisados lida com as representações, concepções ou idéias dos sujeitos de suas pesquisas. Considerando os resultados de uma maneira geral, afirmo que as concepções da maioria destes sujeitos sobre meio ambiente e educação ambiental indicam que o ambientalismo se difunde pelo país mais como “defesa da natureza” do que como desenvolvimento social e formação crítica do cidadão. Esta perspectiva deve estar presente na elaboração de projetos ou planejamento de trabalhos com educação ambiental em qualquer nível, pois é fundamental conhecer a realidade de cada público e com ele planejar as atividades de EA que melhor se adaptam a sua cultura.

A educação ambiental tem, sobretudo, um papel social a cumprir e a pesquisa pode ser um dos grandes caminhos. Não há receitas a serem seguidas, cada trabalho é um universo que representa os saberes, as convicções, as experiências e a criatividade de seus autores.

Concluindo, constatamos que além do aprendizado específico que buscava sobre Educação Ambiental,

pude conhecer uma grande variedade de pesquisas, métodos e formas de registro. Essas informações relevantes para mim possivelmente o serão para outros profissionais, sejam professores e/ou pesquisadores. Este trabalho também gerou uma oportunidade de resgatar trabalhos produzidos há muitos anos, e nem sempre divulgados entre os interessados.

Com o objetivo de avaliar e enquadrar estes trabalhos nas correntes hoje existentes em EA, arrisquei-me em uma difícil trajetória passível de críticas. Não tenho a intenção de esgotar as possibilidades, até porque a produção acadêmica não pára de crescer e continuará a ser analisada. Acredito que aqui fiz apenas os primeiros passos de uma caminhada, a ser continuada por outros pesquisadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freire, Paulo. 1987. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Loureiro, C. F. B. , 2004. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez.

Pelizzoli, M. L. 2002. Correntes da ética ambiental. Petrópolis: Vozes,.

Reigota, M.2002 A floresta e a escola: Por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez,

Reigota, Marcos. Estado del de la educación ambiental en Brasil. México, Semarnat-UDG, volumen 4, número 11, agosto, 2002. (el año es el consecutivo de la revista), aun cuando apareció en el . pp. 49-62

Reigota, M. 2002. Meio Ambiente e representação social. São Paulo: Cortez, .

Sauvé, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle

Carvalho, Isabel. Educação Ambiental: Pesquisa e desafios. São Paulo: Artmed, 2005.